

# A PRESENÇA ECONÔMICA SUL-AFRICANA NA ÁFRICA: COMÉRCIO E INVESTIMENTO

Elton Jony Jesus Ribeiro\*

James Augusto Pires Tibúrcio\*\*

A República da África do Sul possui a 24ª maior economia do mundo, com um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 508 bilhões em 2009. O país é também a maior economia do continente africano, responsável por 12% do PIB da África e 61% da economia da Southern Africa Development Community (SADC),<sup>1</sup> que é sua principal zona de influência, da qual possui 20% da população comunitária – proporção pequena se comparada ao seu peso econômico na região. Além disso, desde a eleição de Nelson Mandela à presidência do país, em 1994, e com mais força a partir do início dos anos 2000, as empresas sul-africanas têm aumentado substancialmente seus investimentos na África Subsaariana, o que tornou o país um dos principais realizadores de investimentos diretos na região – o maior entre os países em desenvolvimento. Dessa forma, a África do Sul se apresenta como o principal centro econômico da região subsaariana e sua dinâmica influencia vários países da região.

O objetivo deste artigo é apresentar a dimensão econômica da África do Sul no continente africano, em especial na região subsaariana, com foco sobre o comércio regional e o investimento direto estrangeiro (IDE) do país para o continente.

## 1 A política externa da África do Sul para a África Subsaariana

O desenvolvimento da política externa sul-africana contemporânea se divide em dois períodos: os anos do Partido Nacional, entre 1948 e 1994, e os do governo do Congresso Nacional Africano, desde 1994. O primeiro período foi caracterizado pelo esforço constante do governo sul-africano pela manutenção de um regime de minoria branca. Envolvimento em guerras regionais, isolamento econômico, boicotes, pressões e contradições como o apoio de Israel e Estados Unidos em organismos internacionais, inseridos no contexto da Guerra Fria, dominaram a agenda da política externa do país. Com a libertação de Nelson Mandela, em 1990, um período de transição (1990-1994) foi sucedido por uma fase de boas relações com os vizinhos e a comunidade internacional em geral (SIDIROPOULOS, 2008).

---

\* Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas Internacionais (Deint) do Ipea.

\*\* Pesquisador do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD), e da Deint/Ipea.

1. A SADC é uma organização criada em 1992 pelos países da África Meridional como substituta da Southern Africa Development Co-ordination Conference (SADCC), que tinha como principal objetivo coordenar o desenvolvimento de projetos para reduzir a dependência econômica dos países dessa região em relação à África do Sul sob o regime do *Apartheid*. O objetivo central da SADC é promover a integração econômica entre seus membros, que são: África do Sul, Angola, Botsuana, Ilhas Maurício, Ilhas Seychelles, Lesoto, Madagascar, Malauí, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue (ver mapa).

Na atualidade, a economia mais industrializada do continente africano, com questões domésticas desafiadoras – desemprego elevado, altos índices de criminalidade, imigração ilegal crescente, tensões sociais e étnicas e questões graves de saúde pública, como a disseminação do *human immunodeficiency virus* (HIV), procura manter e expandir sua influência em uma África ao sul do Saara cada vez mais priorizada pelas grandes economias mundiais (GAMES, 2010).

No plano econômico da política externa, o lançamento da New Partnership for African Development (NEPAD), em 2001, com atuação decisiva do presidente Thabo Mbeki, procurou unir os países africanos com os objetivos principais de combater o atraso econômico, erradicar a pobreza, retirar o continente africano da marginalização frente à globalização econômica e acelerar a valorização da mulher por meio do desenvolvimento de um arcabouço socioeconômico integrado para a África.

A presente política externa da África do Sul para a África Subsaariana se baseia no entendimento de que não pode haver desenvolvimento socioeconômico sem que haja estabilidade política e paz na região, porém o pragmatismo comercial tem prevalecido sobre a chamada “Agenda sul-africana para a África” (LANDSBERG, 2009).<sup>2</sup>

## 2 O comércio exterior da África do Sul com o continente africano

A África do Sul possui um perfil econômico bastante diferenciado em relação aos seus vizinhos da África Subsaariana. O seu PIB de US\$ 508 bilhões torna a economia sul-africana vital para os países da SADC, onde a África do Sul exerce expressiva influência econômica, com 61% do PIB do bloco. Esse desbalanceamento, reforçado pelo fato de a África do Sul possuir setor empresarial e parque industrial modernos, somado à maior atenção dada pelo país ao continente africano após o difícil período do *Apartheid*, fez aumentar a complementaridade entre a economia sul-africana e sua vizinhança. Essa situação tem se cristalizado nas relações de comércio e investimento mantidas entre ambos e que serão tratadas nesta e na próxima seção.

A África do Sul, ao longo de décadas, teve na Europa seu parceiro comercial preferencial. Nos últimos anos, entretanto, o perfil geográfico do comércio exterior do país tem mudado: a Ásia passou a ocupar o posto da Europa de maior parceiro sul-africano, a partir de 2007, e a África tornou-se o terceiro maior parceiro comercial da África do Sul em 2009, posição que antes era ocupada pelo continente americano.

Dados do Department of Trade and Industry (DTI) da África do Sul mostram que nos últimos quatro anos o comércio exterior do país com a África, relativamente a outras

2. Idealizada durante o período em que Thabo Mbeki (1999-2008) esteve à frente da presidência da África do Sul e reformulada no governo de Jacob Zuma, a Agenda inclui o fortalecimento de iniciativas de integração econômica regional e segurança (LANDSBERG, 2009; MANGCU, 2010).

regiões, foi o que mais cresceu, com aumento de 59%, enquanto a expansão das transações comerciais totais da África do Sul foi de 23%. Quando exportações e importações são separadas, verifica-se que a expansão dos fluxos sul-africanos com a África deveu-se principalmente ao aumento das exportações, que cresceram 72%, enquanto as exportações totais do país cresceram 33%. Apesar disso, o comércio da África do Sul com a África, ainda que crescente, é de apenas 12% do comércio total do país.

Entre as regiões consideradas,<sup>3</sup> apenas com o continente africano a África do Sul apresentou superávits, crescentes, nos últimos quatro anos, o que tem atenuado, mas não resolvido, os constantes déficits comerciais do país (tabela 1).

TABELA 1

**Saldo da balança comercial da África do Sul entre 2006 e 2009**

(Em US\$ milhares)

Região	2009	2008	2007	2006
Saldo comercial com a África	6.233.023	2.737.317	3.478.775	2.969.161
Saldo comercial com o mundo	-3.684.748	-11.428.451	-12.175.389	-11.092.103

Fonte: DIT da África do Sul ([www.dti.gov.za](http://www.dti.gov.za)). Elaborado pelos autores.

Quanto ao perfil setorial do comércio exterior sul-africano, desde 1992 os setores de mineração e de manufatura têm sido responsáveis por aproximadamente 95% das exportações sul-africanas. Os produtos agrícolas não chegaram a representar no período mais do que 5% das transações comerciais do país com o mundo.

Até 1994, entretanto, mais de 50% das exportações do país eram de bens do setor de mineração, enquanto pouco mais de 40% eram de produtos manufaturados. Essa situação mudou no ano seguinte, quando o setor de manufatura respondeu por 50% das exportações e o de mineração, por 44%. Desde então, a diferença entre os dois setores aumentou constantemente até uma razoável estabilização da pauta exportadora entre 2003 e 2008, em que por volta de 63% dos produtos exportados eram derivados do setor de manufatura, 32% eram produtos de mineração e 5% advinham do setor agrícola.

O continente africano tem grande importância para as exportações da África do Sul. Em 2009, 27,4% das exportações sul-africanas de manufaturados, 31,5% de minerais, 37,6% do setor agrícola e 50% do setor de alta tecnologia foram para a África. Enquanto isso, a maior proporção alcançada pelas importações sul-africanas da África, em relação às importações totais do país, foi no setor agrícola, com apenas 2,3% de participação (tabela 2).

O setor de alta tecnologia é o que apresenta a maior dependência da África do Sul em relação ao continente, com metade das exportações do país direcionada para seus vizinhos – só a SADC é responsável por um terço do total dessas exportações.

3. Para apresentar essas informações, o DTI divide o mundo em cinco regiões/continentes: África, Américas, Ásia, Europa e Pacífico.

TABELA 2  
**Dados do comércio sul-africano com a África por região e setor**  
 (Dados de 2009)

Região da África	Manufatura				Mineração			
	Exportações		Importações		Exportações		Importações	
	Em US\$ milhões	% sobre o global	Em US\$ milhões	% sobre o global	Em US\$ milhões	% sobre o global	Em US\$ milhões	% sobre o global
SADC	6.297,47	19,20	479,02	1,00	1.737,24	16,60	174,46	0,80
Ocidental	1.325,69	4,00	55,54	0,10	1.344,25	12,90	45,01	0,20
Nordeste	847,70	2,60	39,15	0,10	169,78	1,60	22,99	0,10
Norte	360,60	1,10	29,92	0,10	46,42	0,40	21,70	0,10
Central	163,26	0,50	20,33	0,00	0,72	0,00	1,77	0,00
Total África	8.994,72	27,40%	624,85	1,30	3.298,79	31,50	265,93	1,20
	Agricultura							
	Exportações		Importações		Exportação		Importação	
Região da África	Em US\$ milhões	% sobre o global	Em US\$ milhões	% sobre o global	Em US\$ milhões	% sobre o global	Em US\$ milhões	% sobre o global
SADC	953,61	28,90	40,21	1,10	678,14	33,20	36,28	0,30
Ocidental	123,75	3,70	26,91	0,80	168,01	8,20	9,00	0,10
Nordeste	86,30	2,60	9,05	0,30	112,07	5,50	4,88	0,00
Norte	43,01	1,30	1,85	0,10	45,61	2,20	4,22	0,00
Central	36,45	1,10	0,03	0,00	17,63	0,90	4,10	0,00
Total África	1.243,12	37,60	78,23	2,30	1.021,45	50,00%	58,54	0,40

Fonte: DIT da África do Sul ([www.dti.gov.za](http://www.dti.gov.za)). Elaborado pelos autores.

Notas: <sup>1</sup> Southern Africa Customs Union.

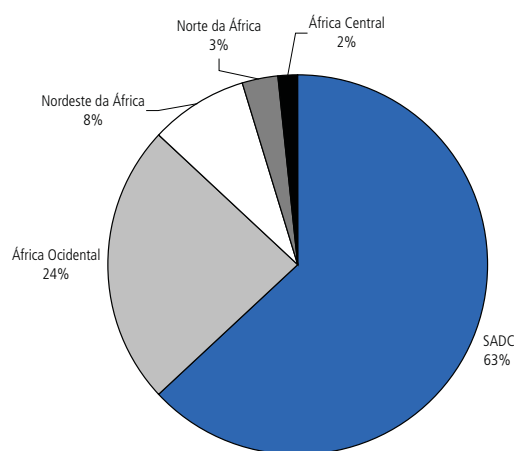
<sup>2</sup> Apesar de aparecerem separados na tabela como um setor, os produtos de alta tecnologia já se encontram dentro do setor de manufatura, sendo, portanto, um subsetor deste.

Em termos absolutos, entretanto, é no setor manufatureiro que a África do Sul obtém a maior parte dos seus superávits com o continente africano, uma vez que esse é o setor com maior participação no comércio exterior com a África e com o mundo.

Outro dado importante é que, apesar do predomínio da manufatura, as exportações sul-africanas são tecnologicamente pouco intensivas. Entre os produtos manufaturados em 2009, os de alta tecnologia representam apenas 11%. Os cinco principais produtos de alta tecnologia exportados para o mundo foram instrumentos de medição, aeronaves, motores elétricos, fármacos, e televisores e rádios, que juntos representaram 54,5% das exportações mais tecnologicamente intensivas. Por outro lado, no mesmo ano, os manufaturados mais exportados pelo país foram ferro e aço (*basic iron and steel*), veículos motores, metais preciosos e não ferrosos (*basic precious and non-ferrous metal*), materiais químicos (*basic chemicals*) e outros maquinários de uso geral, que corresponderam a 47,5% do total das exportações de manufaturados.

O fluxo comercial da África do Sul para a África não se distribui igualmente entre as regiões do continente, ao contrário, as transações comerciais sul-africanas concentram-se na sua região de entorno. Em números, 63% do comércio sul-africano com a África são feitos com os países da SADC (gráfico 1).

GRÁFICO 1

**Distribuição do comércio exterior da África do Sul com a África**

Fonte: DIT da África do Sul ([www.dti.gov.za](http://www.dti.gov.za)). Elaborado pelos autores.

Segundo a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento – United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD) (2009), a África do Sul é ao mesmo tempo o maior exportador e o maior importador no comércio intra-africano. Nos números acumulados do período de 2004 a 2006, os sul-africanos responderam por 24,29% de todas as exportações intra-africanas e por 9,8% das importações.

A importância da África do Sul fica ainda mais clara quando consideradas as principais relações comerciais bilaterais.<sup>4</sup> Entre as dez maiores correntes de comércio bilateral da África, oito têm os sul-africanos como um dos parceiros (tabela 3). Alargando-se a amostra, entre as 25 maiores parcerias comerciais no continente africano, a África do Sul aparece em 16: sete vezes como principal exportador e nove vezes como principal importador. Nessas parcerias, predominam os fluxos de recursos minerais em 12 dos 16 casos, nos quais petróleo e seus derivados aparecem seis vezes.

TABELA 3

**Principais fluxos comerciais entre os países da África**

Ranking	Exportador	Importador	Valor médio 2004-2006 (em US\$ bilhões)	Principal setor
1	Suazilândia	África do Sul	1.319.635	Óleos essenciais etc. (45%)
2	África do Sul	Zimbábue	1.056.705	Petróleo etc. (70%)
3	Nigéria	Costa do Marfim	1.016.878	Petróleo etc. (99%)
4	África do Sul	Zâmbia	916.256	Petróleo etc. (7%)
5	África do Sul	Moçambique	900.184	Petróleo etc. (70%)
6	Nigéria	África do Sul	858.912	Petróleo etc. (99%)
7	Nigéria	Gana	770.166	Petróleo etc. (98%)
8	Namíbia	África do Sul	695.949	Material impresso (24%)
9	Gana	África do Sul	604.508	Mineração (99%)
10	Mali	África do Sul	587.875	Mineração (99%)

Fonte: UNCTAD (2009, p. 32 e 33).

**3 IDE da África do Sul para a África Subsaariana**

A África do Sul é, entre os países africanos, a maior fonte de IDEs. Segundo a UNCTAD, em 2008 64%<sup>5</sup> do estoque de IDEs oriundos de toda África pertencem a empresas sul-africanas. Apesar dessa dominância, a África do Sul permanecem com um estoque externo de IDE ainda modesto se comparado a outros países em desenvolvimento.<sup>6</sup>

Desde 1999, a economia sul-africana tem apresentado um estoque de entrada de IDE maior do que o de saída. Entretanto, em relação ao restante do continente africano, e particularmente à África Austral, a África do Sul tem se destacado como grande fornecedora de capitais produtivos.

Quanto à sua distribuição geográfica, os estoques de investimentos diretos sul-africanos no exterior têm sofrido uma forte mudança desde o ano 2000 (gráfico 2). Em 1993, a Europa era o destino preponderante dos IDEs da África do Sul, concentrando 93% dos estoques de investimentos diretos feitos pelo país. Os países desenvolvidos, em conjunto, concentravam

4. Um componente a se destacar da cooperação comercial sul-africana com seu entorno é a existência da SACU. A SACU é uma união aduaneira que reúne África do Sul, Botsuana, Lesoto, Namíbia e Suazilândia. Nessa união alfandegária, o principal fluxo de comércio tem consistido em exportações de produtos industrializados sul-africanos que, com a ajuda da proteção aduaneira, têm mercado cativo nos países-membros. Além disso, o sistema alfandegário do bloco permite até uma distribuição desigual das tarifas que beneficiavam os membros menores do mercado comum, constituindo uma importante fonte de receita governamental (UNCTAD, 2008).

5. Esse percentual corresponde a US\$ 62,3 bilhões em estoques de IDE de empresas sul-africanas no exterior.

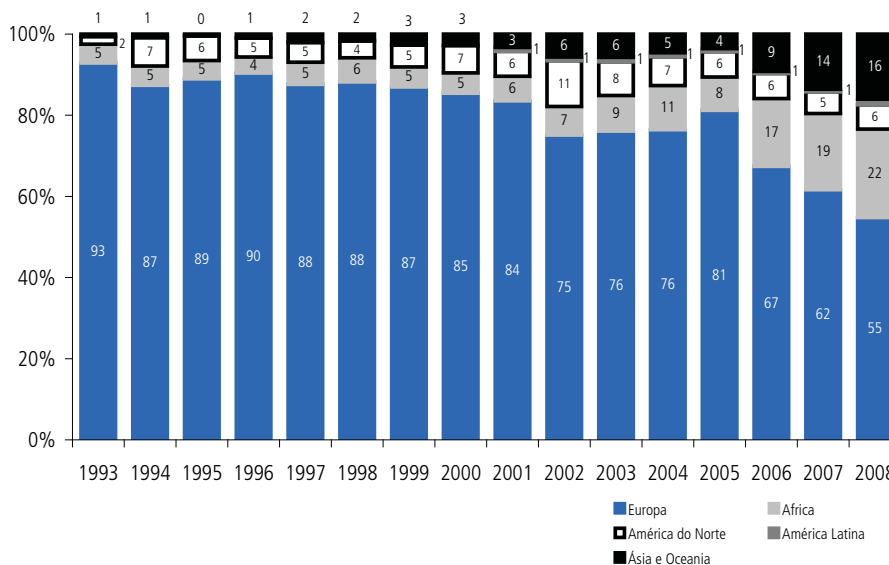
6. Em comparação com os países que formam os BRICs – Brasil, Rússia, Índia e China – em 2008, o percentual de participação sul-africana no IDE global foi de apenas 0,38%. Esse número foi inferior à participação da Federação Russa (1,28%), do Brasil (1%) e da China (0,91%), e igual ao da Índia (0,38%).

mais de 95% desses investimentos. Em 1999, essa concentração ainda era substancial, com a Europa concentrando 87% e a América do Norte – que aqui compreende os Estados Unidos e o Canadá –, 5%. A partir de então, houve uma significativa mudança no perfil dos estoques de IDE sul-africanos com a contínua perda de participação da Europa – que concentrava, em 2008, de 55% dos estoques externos de IDE da África do Sul – e crescente participação dos países da África e da Ásia e Oceania<sup>7</sup> – 22% e 16%, respectivamente. Enquanto isso, a América do Norte e a América Latina permaneceram praticamente estagnadas como destino desses investimentos.

GRÁFICO 2

**Estoque externo de IDE sul-africano por região**

(Em %)



Fontes: UNCTAD (vários anos) e South African Reserve Bank (vários anos). Elaborado pelos autores.

Entre 1999 e 2008, o continente africano foi o carro-chefe do aumento ocorrido no estoque de IDE da África do Sul. De fato, os investimentos em direção à África representaram 35% do aumento total do estoque externo de IDE sul-africano no período. Por outro lado, a Europa respondeu por 30% desse aumento; a Ásia, por 26%; e o continente americano, por 8%. De forma geral, a África esteve à frente de um processo mais amplo de deslocamento dos estoques externos de IDE sul-africano dos países desenvolvidos em direção aos países em desenvolvimento.

A África do Sul é, entre as economias em desenvolvimento, o maior investidor direto na África. De fato, segundo a UNIDO (2007, p. 28), das quatro maiores empresas de países em desenvolvimento na África Subsaariana, pelo critério de vendas, três são sul-africanas.<sup>8</sup> O país, entre todos os investidores, é também a quarta maior fonte de IDE no continente africano, atrás apenas do Reino Unido, dos Estados Unidos e da França (UNCTAD, 2009, p. 56).

7. Na base de dados da UNCTAD, de onde essas informações foram extraídas, a Ásia e Oceania foram consideradas conjuntamente.

8. Esse levantamento das Nações Unidas considera apenas 15 países selecionados: Burkina Faso, Camarões, Costa do Marfim, Etiópia, Gana, Quênia, Madagascar, Malawi, Mali, Moçambique, Nigéria, Senegal, Uganda, Guiné e Tanzânia. Essa escolha tende a reduzir a participação sul-africana, pois exclui vários países do seu entorno, onde a África do Sul é o investidor mais relevante.

A participação do investimento direto sul-africano sobre o total dos IDEs recebidos pelos países da África, em especial para os da SADC, tem resultado em um profundo impacto nessas economias. Para muitos desses países, a África do Sul é o principal investidor externo, chegando a ser responsável por mais de 80% do estoque de IDE no Lesoto e no Malawi, 70% na Suazilândia e na República Democrática do Congo e 50% em Botsuana (RUMNEY; PINGO, 2004, p. 18). É também o mais importante fornecedor de infraestrutura em algumas áreas relevantes como telecomunicações e transportes.

Com a abertura econômica da África do Sul após o *Apartheid*, o grau de desenvolvimento do país frente aos seus vizinhos levou a uma crescente presença de empresas sul-africanas na região, tendo os investimentos em direção aos países da África Negra adquirido uma velocidade impressionante. De fato, entre 1994 e 2008, o estoque externo de IDE do país para o restante da África cresceu 12 vezes, de US\$ 908 milhões para US\$ 10,8 bilhões, ao mesmo tempo em que o estoque de IDE sul-africano na Europa cresceu pouco mais de 1,5 vez, de US\$ 16,7 bilhões para US\$ 27,3 bilhões.

Apesar de ser uma economia em desenvolvimento, o perfil dos investimentos sul-africanos para a África se diferencia do perfil de outras economias emergentes – como Índia e China – e se assemelha mais aos investimentos de países desenvolvidos. Isso porque são eles mais intensivos em conhecimento e capital, mesmo em relação aos países ricos; emprega um grande número de pessoas com educação superior; tem preferência por estruturas formais de gestão, com forte ligação entre a estrutura local e a matriz sul-africana. Além disso, esses investimentos sul-africanos visam, em primeiro lugar, os mercados locais e não o investimento orientado para formar plataformas de exportações e têm um tempo de permanência média superior aos dos seus concorrentes asiáticos (HENLEY *et al.*, 2008).

A presença de empresas da África do Sul no restante do continente africano, em especial na África Subsaariana, tem crescido mais por fatores internos à economia sul-africana do que por fatores externos. Em uma pesquisa baseada em entrevistas com executivos das 15 principais empresas transnacionais sul-africanas que não são do setor de mineração,<sup>9</sup> Dippenaar (2009) investigou os motivos que têm levado essas empresas a se internacionalizarem em direção à África. Um dos principais resultados alcançados é que, das 15 empresas entrevistadas, 12 afirmam terem sido levadas a investir na África mais por fatores de expulsão (*push factors*) do mercado local do que por fatores de atração (*pull factors*) dos mercados de destino. O *push factor* mais importante considerado pelos executivos dessas empresas foi a diversificação geográfica e dos lucros para evitar a excessiva dependência do mercado sul-africano. Outros motivos relevantes de expulsão foram a saturação do mercado interno – que se tornou pequeno para o tamanho de algumas empresas – e as tendências setoriais globais.

Por outro lado, os *pull factors* mais importantes estão relacionados ao fato de que o mercado regional é, em vários aspectos, ainda pouco explorado e possui grande potencial de crescimento. Além disso, fatores como a carência de infraestrutura na região subsaariana

9. A exclusão das empresas do setor de mineração faz sentido. Como estas dependem da localização dos recursos minerais para investir, sua capacidade de escolha quanto aos países onde atuar é restrita.



e a proximidade geográfica permitem às empresas sul-africanas explorarem suas vantagens tanto culturais – frente aos seus concorrentes não africanos – como de tecnologia – frente aos possíveis concorrentes locais.

Dessa forma, grandes empresas multinacionais sul-africanas como a Mobile Telephone Network Limited (MTN) e a Telkom, em telecomunicações; Sasol, em petroquímica; AngloGold e Gold Fields, em mineração; Nasper, no setor de comunicação; Bivest,<sup>10</sup> serviços diversos para empresas; Datatec, em tecnologia da informação; e Barloworld,<sup>11</sup> serviços diversos, entre outras, possuem significativos investimentos no continente africano e são, em muitos países, os principais fornecedores de infraestrutura e serviços em suas respectivas áreas.

O mapa a seguir apresenta a distribuição de algumas empresas da África do Sul no continente africano. As empresas citadas, com exceção da AngloGold e da Telkom, são empresas relacionadas nas últimas três edições do *World Development Report* como algumas das maiores multinacionais de países em desenvolvimento. A AngloGold e a Telkom foram incluídas por representarem dois setores empresariais sul-africanos para os quais a África tem grande relevância, o de mineração e o de telecomunicações.

O grau de dependência mútua entre as empresas sul-africanas e o mercado consumidor da África Subsaariana fica bem demonstrado pela operação de empresas como a MTN e a Nasper.<sup>12</sup>

A MTN está presente em 14 países da África Subsaariana, além da África do Sul, fornecendo serviços de telefonia móvel. É a empresa sul-africana de maior grau de internacionalização<sup>13</sup> e seus negócios concentram-se majoritariamente na África Negra. Desta região, a MTN extrai, desconsiderando a África do Sul, 61% do seu faturamento global e 73,2% do seu faturamento na África. Os principais mercados da MTN na África são, pelo tamanho, Nigéria, com 26% do faturamento global e 49% do mercado local; África do Sul, com 22% e 32%; e Gana, com 7% e 55%, respectivamente. O continente africano é responsável por 82,7% do faturamento global da MTN.

A Nasper atua na África Subsaariana principalmente no setor de TV paga. O sistema da Nasper – que inclui a empresa MultiChoice, da qual é dona de 100% do capital e uma rede de *joint ventures*, franquias e agentes licenciados – está presente em 32 países da região subsaariana, além da África do Sul. Apesar do surgimento de novos concorrentes, o sistema de TV paga na África Subsaariana é controlado basicamente por duas grandes companhias, a Nasper e a francesa Canal+ (*THE ECONOMIST*, 2008). Apesar de a região ao sul do Saara ser um mercado pequeno para a Nasper – responde por apenas 25% do faturamento total da região, excluindo a África do Sul – é um mercado em franca expansão, com crescimento de 20% no número de clientes entre 2009 e 2010.

10. A Bivest atua em setores que vão de serviços de frete a serviços terceirizados de limpeza, segurança etc.

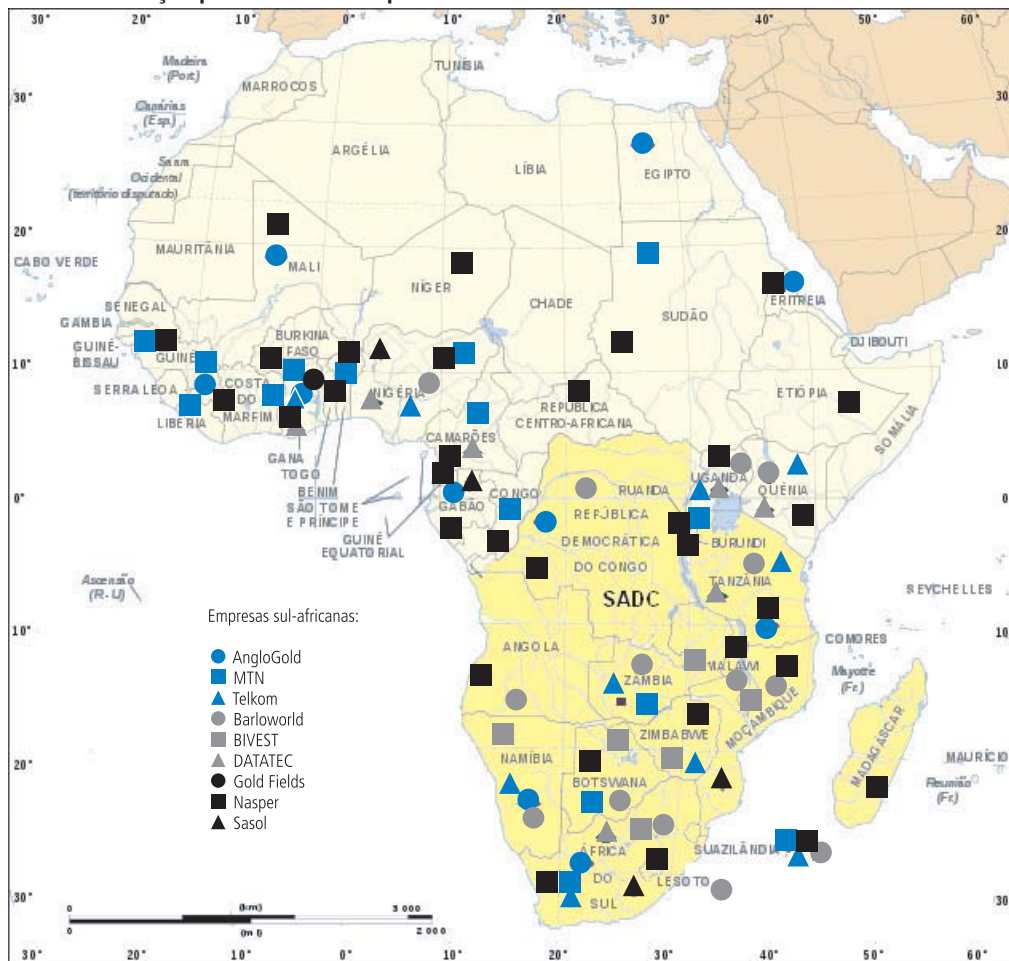
11. A Barloworld atua nos setores de revenda de automóveis, representação oficial de produtos Caterpillar (veículos para construção civil) e Hyster (*handles trucks*) revenda de equipamentos.

12. Conforme informações constantes nos sítios eletrônicos das respectivas companhias.

13. Segundo o critério da UNCTAD, calculado pelo valor de ativos no exterior.

## MAPA

## Distribuição pela África de empresas sul-africanas selecionadas



Fonte: Wikimedia Commons ([http://commons.wikimedia.org/wiki/File:African\\_continent-pt.svg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_continent-pt.svg)). Editado pelos autores.

Obs.: As informações da distribuição geográfica das empresas foram colhidas nos sítios eletrônicos de cada uma delas, em consultas realizadas dias 15 e 16 de setembro de 2010.

Também cabe destacar que entre os anos de 1997 e 2000 várias grandes empresas de origem sul-africana, como a Billiton, em 1997; a Anglo American, South African Breweries e a Old Mutual, em 1999; e a Dimension Data, em 2000, transferiram suas primeiras listagens da Bolsa de Valores de Johannesburg para a Bolsa de Londres e outros mercados da União Europeia, tornando-se, portanto, empresas europeias (BARBOSA; TEPASSÊ, 2009; RUMNEY, 2004; UNCTAD, 2006). Ainda assim, essas empresas continuam a manter operações relevantes na África Subsaariana, tendo como base regional a África do Sul.

#### 4 Considerações finais

Desde meados da década de 1990, e de forma muito mais acentuada a partir dos anos 2000, o comércio da África do Sul com os demais países da África e os investimentos diretos do país para esta região tiveram aumentos significativos.

Em relação ao comércio, o continente africano, em especial a região subsaariana, é responsável por absorver grande parte das exportações de maior valor agregado da África do Sul, especialmente no setor mais intensivo em alta tecnologia. As importações sul-africanas de produtos da região ao sul do deserto do Saara ocupam, entretanto, uma proporção muito pequena em relação às importações totais do país. Em termos gerais, é a África do Sul o parceiro mais relevante do comércio intra-africano, onde ocupa o lugar de maior exportador e importador.

Os IDEs de origem sul-africana realizados na África também têm tido crescimento significativo nos últimos anos. O continente africano, que era, em 2000, destino de apenas 5% do IDE da África do Sul, absorveu, em 2008, 22% dos investimentos diretos do país.

Uma característica interessante do investimento direto sul-africano é seu perfil mais intensivo em conhecimento e capital, o que o diferencia dos investimentos de outros países em desenvolvimento na África. Nessa direção, tais investimentos têm sido fundamentais para muitos países da região que necessitam de investimento em infraestrutura, telecomunicações e transporte. Esses mercados exercem, por outro lado, um papel importante para as empresas sul-africanas, que encontram no continente africano um espaço pouco explorado em vários setores econômicos.

Essa crescente participação da África do Sul no restante da economia africana é um acontecimento recente e muito relacionado às transformações sofridas pelo país após o fim do regime de *Apartheid*. As mudanças internas ocorridas na maior economia da África na década de 1990, além de eliminarem as sanções sofridas pelo país durante as décadas de 1970 e principalmente de 1980, levaram os sucessivos governos do Congresso Nacional Africano a buscarem maior aproximação da África do Sul com o restante do continente, com vistas a fortalecer as relações econômicas e políticas regionais. As mudanças alteraram, também, a percepção dos países vizinhos sobre a África do Sul, ampliando as possibilidades de comércio e investimento por parte das empresas do país na região.

#### REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. F.; TEPASSÊ, A. C. África do Sul pós-apartheid: entre a ortodoxia econômica e a afirmação de uma política externa “soberana”. In: CARDOSO JÚNIOR, J. C.; ACIOLY, L.; MATIJASCIC, M. **Trajetórias recentes de desenvolvimento: estudos de experiências internacionais selecionados**. Brasília: Ipea, 2009. p. 454-506.
- DIPPENAAR, A. **What drives large South African Corporations to invest in sub-Saharan Africa?** CEO’s perspectives and implications for FDI policies. National Resource Forum, United Nations, New York, n. 33, p. 199-210, 2009.
- GAMES, D. Emerging commercial rivalries in Africa: a view from South Africa. **South African Journal of International Affairs Policy Briefing**, n. 15, Feb. 2010.
- HENLEY, J. *et al.* **Foreign direct investment from China, India and South Africa in sub-Saharan Africa: a new or old phenomenon?** United Nations University, [S.l.], 2008 (Research Paper, n. 2008/24).
- LANDSBERG, C. **South Africa’s African agenda: Challenges of policy and implementation**. Preparado para o “Presidency Fifteen Year Review Project”. Presidência da África do Sul, 2009.

MANGCU, X. **A new foreign policy for Jacob Zuma's South Africa**. Brookings Institution, 20 July 2010.

RUMNEY, R. Sappi – a case study in South African outward FDI from straw-based paper mill in the African bush to world leader in coated fine paper. In: PAGE, S.; TE VELDE, D. W. **Foreign direct investment by African countries**. Prepared for UNECA, Addis Ababa, 2004. p. 109-121.

\_\_\_\_\_.; PINGO, M. Mapping South Africa's trade and investment in the region. In: EUROPEAN UNION; SARPEN. **Stability, poverty reduction and South African trade and investment in Southern Africa**. Pretoria: Conference Papers, 2004.

SIDIROPOULOS, E. South African foreign policy in the post-Mbeki period. **South African Journal of International Affairs**, v. 15, n. 2, p. 107-120, 2008.

SOUTH AFRICAN RESERVE BANK. **Quarterly Bulletin**. Pretoria: várias edições.

THE ECONOMIST. **Pay TV in Africa: going for goal – a newcomer is shaking up satellite television in Africa**. Publicado em 14 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/11920847>> Acesso em: 27 set. 2010.

UNCTAD. **World Investment Report 2006: FDI from developing and transition economies—implications for development**. New York and Geneva: United Nations, 2006.

\_\_\_\_\_. **Regional cooperation and integration in Sub-Saharan Africa**. New York and Geneva: United Nations, 2008 (Discussion Paper, n. 189).

\_\_\_\_\_. **Economic development in Africa: Report 2009—Strengthening regional economic integration for Africa's development**. New York and Geneva: United Nations, 2009.

\_\_\_\_\_. **World investment directory—country profile: South Africa**. Disponível em: <[http://www.unctad.org/sections/dite\\_fdistat/docs/wid\\_cp\\_za\\_en.pdf](http://www.unctad.org/sections/dite_fdistat/docs/wid_cp_za_en.pdf)> Acesso em: 4 ago. 2010b.

UNIDO. **Africa foreign investor survey 2005: understanding the contributions of different investor categories to development—implications for targeting strategies**. Vienna, 2007.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DANIEL, J. South Africa in Africa: trends and forecasts in a changing African political economy. In: GUNNARSEN, G. *et al.* **At the end of the rainbow? Social identity and welfare state in the new South Africa**. Denmark, 2007.

DÖPCKE, W. Há salvação para a África? Thabo Mbeki e seu *New Partnership for African Development*. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, n. 45, p. 146-155, 2002.

KLEIN, S.; WÖKE, A. **Emerging global contenders: the South African experience**. [S.l.: s.n.], [2005].

LEVY, P. I. **Sanctions on South Africa: what did they do?** Economic Growth Center, Yale University, Connecticut, 1999 (Center Discussion Paper, n. 796).

TAKA, M. **The internalization of the South African telecommunications sector**. TIPS, Annual Forum, Johannesburg, 2001.

\_\_\_\_\_. **World Investment Report 2006: FDI from Developing and Transition Economies – Implications for Development**. New York and Geneva: United Nations, 2006.

\_\_\_\_\_. **Regional cooperation and integration in Sub-Saharan Africa**. New York and Geneva: United Nations, 2008 (Discussion Paper, n. 189).

UNCTAD. **Economic Development in Africa: Report 2010—south-south cooperation: Africa and the new forms of development partnership**. New York and Geneva: United Nations, 2010a.